

ROBERT WALSER

Os irmãos Tanner

Romance

Tradução

Sergio Tellaroli



Copyright © by Verlag Ort Jahr

Todos os direitos reservados e controlados por Suhrkamp Verlag Berlin.

O tradutor agradece o apoio do Colégio Europeu de Tradutores de Straelen (Europäischer Übersetzer-Kollegium, EÜK), da Fundação para as Artes do Estado da Renânia do Norte-Vestfália (Kunststiftung NRW) e do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (Deutscher Akademischer Austauschdienst, DAAD). A tradução d'Os irmãos Tanner foi realizada entre os meses de março e junho de 2014, e concluída entre maio e julho de 2016, no Colégio Europeu de Tradutores de Straelen, na Alemanha.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Geschwister Tanner

Capa

Victor Burton

de capa

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Jane Pessoa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walser, Robert, 1878-1956

Os irmãos Tanner : romance / Robert Walser ; tradução Sergio Tellaroli. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: Geschwister Tanner

ISBN 978-85-359-2862-4

1. Romance 2. Romance alemão - Escritores suíços 1. Título.

16-00142

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura suíça em alemão 833

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

OS IRMÃOS TANNER

1

Certa manhã, um jovem rapaz de aspecto infantil entrou numa livraria e pediu que o apresentassem ao proprietário. Seu desejo foi atendido. O livreiro, um velho de aparência muito distinta, olhou bem para a figura algo tímida à sua frente e a exortou a dizer a que vinha: “Quero ser livreiro”, disse o jovem principiante, “esse é meu anseio e não sei o que poderia me impedir de pôr em prática meu propósito. Sempre imaginei o comércio de livros como coisa encantadora e não entendo por que tenho continuamente de me consumir à margem dessa atividade tão adorável e bela. Veja, meu senhor, julgo-me, assim como ora me apresento aqui, extraordinariamente apto a vender os livros deste seu estabelecimento, tantos quantos o senhor possa sonhar vender. Sou vendedor nato: galante, ágil, gentil, rápido, de poucas palavras, decidido, calculista, atento e honesto, mas de uma honestidade não tão tola como a que talvez aparente. Sei baixar preços, se me vejo diante de um pobre-diabo, de um estudante, mas sei também elevá-los, a fim de prestar um favor aos ricos, porque suponho que eles por vezes nem saibam o que fazer

com seu dinheiro. Apesar de tão jovem, acredo possuir algum conhecimento dos seres humanos e, além disso, amo as pessoas, por mais diversas que elas sejam; portanto, jamais vou pôr esse meu conhecimento dos seres humanos a serviço do engodo, assim como tampouco me ocorre pôr em risco este seu valoroso estabelecimento em razão de uma consideração exagerada para com certos pobres-diabos. Em suma, na balança do comércio, meu amor pelas pessoas há de se equilibrar harmonicamente com o tino para os negócios, de igual peso e, para mim, tão necessário à vida como uma alma repleta de amor: hei de praticar a mais perfeita moderação, isso posso lhe assegurar desde já". O livreiro olhou atento e admirado para o rapaz. Parecia estar em dúvida quanto à impressão que lhe causava seu bem-falante interlocutor, se boa ou má. Não sabia bem, o rapaz de certo modo o confundia e, do fundo dessa perplexidade, perguntou com delicadeza: "Posso, então, meu jovem rapaz, colher informações a seu respeito junto às fontes apropriadas?". O interlocutor respondeu: "Fontes apropriadas? Não sei o que o senhor chama de 'fonte apropriada'? Adequado pareceria a mim que o senhor não colhesse informação nenhuma. A quem o senhor pediria informações e que utilidade isso teria? As pessoas diriam todo tipo de coisas a meu respeito; isso bastaria para tranquilizá-lo no tocante a minha pessoa? O que saberia o senhor a meu respeito se lhe dissessem, por exemplo, que provenho de muito boa família, que meu pai é um homem de respeito, que meus irmãos são gente laboriosa e promissora, que eu próprio posso ser muito útil — um tanto volúvel, talvez, mas capaz de suscitar esperanças —, que um pouco as pessoas podem, sim, confiar em mim, e assim por diante? No fundo, nada ficaria sabendo a meu respeito, nem teria o menor motivo para, mais tranquilo, me acolher como vendedor em seu estabelecimento. Não, meu senhor, colher informações é coisa que em geral não vale um tostão furado; se me é

lícito dar um conselho a alguém mais velho como o senhor, eu decididamente o desaconselho a fazê-lo, porque sei que, tivesse eu por tendência ou natureza o desejo de enganá-lo e de, portanto, frustrar as esperanças que o senhor depositaria em mim com base nas informações recebidas, eu o faria em tanto maior medida quanto melhor o resultado dessas ditas investigações, as quais seriam, então, mentirosas, porque só diriam coisas boas a meu respeito. Não, estimado senhor, se pensa em me empregar, eu lhe peço que demonstre mais coragem que a maioria dos demais patrões com os quais já lidei e que me contrate baseado simplesmente na impressão que ora lhe causo. Ademais, para dizê-lo com absoluta sinceridade, informações colhidas a meu respeito diriam apenas coisas ruins”.

“É mesmo? E por quê?”

“Por toda parte onde estive”, prosseguiu o jovem rapaz, “eu logo deixei meu posto e segui adiante, porque nunca me agradou permitir que minhas força e juventude se estagnassem na estreiteza e na apatia de um escritório, ainda que, na opinião de todos, se tratasse de escritórios os mais distintos, como, por exemplo, precisamente os de instituições bancárias. Mandar-me embora, até hoje nunca o fizeram, sempre saí por vontade própria, pelo prazer de sair, de abandonar empregos e cargos que, por certo, prometiam no mínimo uma carreira mas que teriam me matado, tivesse eu permanecido neles. Por onde quer que tenha passado, sempre lamentaram minha saída e se queixaram de minha decisão, vaticinando-me futuro sombrio, mas sempre tiveram também a decência de me desejar sorte no prosseguimento de minha carreira. Aqui, senhor livreiro” (e de súbito a voz do jovem se revestiu de sinceridade), “eu com certeza lograrei permanecer por muitos anos. Seja como for, são muitos os fatores passíveis de induzi-lo a uma tentativa.” O livreiro disse: “Sua franqueza me agrada. Vou empregá-lo em meu estabelecimento por oito dias,

a título de experiência. Se você for útil e demonstrar intenção de permanecer, conversaremos". Com essas palavras, que significavam também que o jovem candidato estava momentaneamente dispensado, o velho fez soar uma campainha elétrica, ao que, como se soprado por uma corrente de vento, surgiu um homem baixinho, de certa idade e de óculos.

"Dê a este jovem algo para fazer!" Os óculos assentiram. Simon transformara-se, pois, em ajudante de livreiro. Simon, sim, porque era esse o seu nome.

Por essa época, um dos irmãos de Simon, o dr. Klaus, morador conhecido e renomado da capital, preocupava-se com a conduta do jovem irmão. O dr. Klaus era um homem bom, quieto e cioso de seus deveres, que apreciaria muitíssimo se, como ele, o primogênito, seus irmãos tivessem na vida chão firme e respeitável sob os pés. Esse, contudo, não era bem o caso, pelo menos até aquele momento; o caso era de tal maneira o contrário que, em seu íntimo, o dr. Klaus começava a recriminar-se. Dizia a si mesmo, por exemplo: "Eu é que teria, há tempos, todas as razões para me obrigar a conduzir meus irmãos ao bom caminho. Mas até agora não o fiz. Como pude negligenciar esse meu dever?" — e assim por diante. O dr. Klaus conhecia milhares de pequenos e grandes deveres, e às vezes parecia ansiar por mais deveres ainda. Era daquelas pessoas que, em razão de sua necessidade de cumpri-los, mergulham em todo um edifício quase a desmoronar sob o peso de tantos e tão penosos deveres, por medo de que possa acontecer de um único dever secreto, quase imperceptível, vir a escapar-lhes. Esses deveres não cumpridos lhes rendem muitas horas intranquilas; eles não pensam que cada um desses deveres sempre acarreta outro àquele que assumiu o primeiro, e creem já ter cumprido uma espécie de dever

quando, em razão da própria presença sombria desses deveres, se sentem angustiados e inquietos. Imiscuem-se em muitas coisas que, se refletissem com menos preocupação sobre elas, absolutamente não lhes diriam respeito, e gostariam de ver também os outros vergados de preocupação. Costumam olhar com inveja para os despreocupados e livres de deveres e, então, chamá-los de levianos, porque seguem pela vida com tanta graça e com a cabeça tão facilmente erguida. O dr. Klaus obrigava-se com frequência a certa despreocupação, pequena e modesta, mas volta e meia retornava a seus cinzentos e tristes deveres, sob cujo feitiço se consumia como numa prisão escura. Teve talvez, em certo momento da juventude, a vontade de se libertar, mas faltou-lhe a força para deixar de cumprir algo que se parecia com uma exortação ao dever e, então, seguir adiante com um sorriso desdenhoso. Desdenhoso? Não, ele jamais desdenhava de coisa nenhuma! Qualquer tentativa nesse sentido, parecia-lhe, tê-lo-ia talhado de fora a fora; sempre se lembraria dolorosamente do objeto de seu desdém. Jamais desdenhava de coisa nenhuma e perdeu sua juventude explicando e examinando o que jamais seria digno de investigação, análise, amor ou cuidado. Assim, pois, envelheceria e, como não fosse em absoluto homem desprovido de sentimentos e fantasia, recriminava-se amiúde por ter negligenciado o dever de ser ele próprio um pouco feliz. Aí estava, de novo, um dever negligenciado, a comprovar de forma cabalíssima que justamente homens dedicados ao cumprimento de deveres nunca conseguem cumprí-los todos, e até mesmo que lhes pode ocorrer com mais facilidade desconsiderar os principais entre eles, nos quais talvez só tornem a pensar demasiado tarde. Mais de uma vez, o dr. Klaus entristeceu-se consigo próprio ao pensar na doce felicidade que lhe escapara, a felicidade de se ver unido a uma amável jovem, que naturalmente haveria de proceder de família impecável. Por volta dessa época em que

se autocontemplava melancólico, escreveu uma carta a seu irmão Simon, a quem amava com sinceridade e cuja conduta no mundo o intranquilizava — uma carta que dizia mais ou menos o seguinte:

Caro irmão. Pareces não querer escrever mais nada a respeito de ti. Talvez as coisas não andem bem e não escrevas por essa simples razão. Para meu desgosto, fiquei sabendo, e aliás por estranhos, que, de novo e como tantas vezes no passado, estás sem emprego fixo, sem uma atividade definida. Ao que parece, não posso mais esperar notícias sinceras de tua parte. Crê que isso me dói. No momento, são tantas as coisas a tão somente me atingir e desagradar; será que tu também, de quem sempre esperei tanto, precisas contribuir para ensombrecer ainda mais meu ânimo, que, por motivos diversos, já não é dos melhores? Minha esperança persists, mas, se ainda amas um pouco teu irmão, não permitas que eu nutra esperança vã por muito mais tempo. Faz, enfim, alguma coisa que justifique a crença depositada em ti, seja nesse ou em outro âmbito. Tens talento e, como me apraz imaginar, possuis também uma mente clara; és, de modo geral, inteligente, e em todas as tuas manifestações reflete-se aquele cerne bom que desde sempre eu soube haver em tua alma. Por que, então, conhecedor que és dos mecanismos deste mundo, tão pouca perseverança, esse rápido saltitar de uma coisa para outra? Não te provoca angústia essa conduta? Só posso supor em ti uma força interior a te permitir suportar essa troca constante de ofícios, que de nada vale nesta vida. Em teu lugar, eu já teria perdido toda esperança em mim há muito tempo. Realmente não entendo isso, mas, por essa mesma razão, não percebo de modo algum a esperança de ver-te um dia abraçar uma carreira, uma vez forçado enfim a perceber que sem paciência e boa vontade não se alcança nada neste mundo. E por certo algo hás de almejar. Pelo menos, não reconheço em ti essa

completa falta de ambição. Meu conselho é, pois: persiste, sujeita-te por três ou quatro breves anos a trabalho árduo, obedece a teus superiores, mostra do que és capaz, mas também que és homem de caráter, e um caminho abrir-se-á que haverá de conduzir-te pelo mundo todo, se viajar é o que desejas. O mundo e as pessoas mostrar-se-ão a ti de um jeito bem diferente, quando fores de fato alguém, quando vieres a significar alguma coisa para o mundo. Assim, parece-me, talvez encontres muito mais satisfação nesta vida, mais até que o acadêmico que, embora profundo conhecedor dos fios de que pendem toda vida e todo fazer, permanece acorrentado à estreiteza de seu estúdio, onde, posso dizê-lo por experiência própria, muitas vezes não se sente bem. Ainda há tempo para que te transformes num comerciante excepcionalmente competente, e mal sabes em que grande medida se oferece precisamente ao comerciante a oportunidade de fazer de sua existência algo absolutamente vivaz. No momento, tudo que fazes é te esgueirar pelos cantos e pelas brechas da vida: isso precisa acabar. Talvez eu devesse ter interferido antes, muito antes, talvez pudesse ter te estimulado com atos em vez de palavras de advertência, mas não sei; com esse teu orgulho, essa tua determinação de sempre e por toda parte querer, sozinho, ajudar-te a ti próprio, é provável que tivesse antes te ofendido que efetivamente te persuadido. Que tens feito ultimamente? Conta-me alguma coisa a esse respeito. Talvez eu mereça, já pelo tanto que me preocupo, que te tornes um pouco mais falante e desejoso de te comunicares comigo. E eu, que tipo de pessoa sou para que alguém precise se precaver de se aproximar de mim com desinibição e confiança? Sentes medo de mim? O que eu tenho que precise ser evitado? Será, talvez, o fato de eu ser “mais velho” e saber, portanto, um pouco mais? Pois saiba, então, que me alegraria ser jovem de novo, insensato e ignorante. Não sou tão alegre, meu caro irmão, como caberia a um ser humano. Não sou feliz. Talvez seja tarde demais para que ainda venha

a sê-lo. Cheguei a uma idade em que não é sem a mais dolorosa melancolia que um homem desprovido de um lar pensa naqueles afortunados que desfrutam do prazer de ver uma jovem mulher ocupar-se da condução da casa. Amar uma moça, como é belo, meu irmão. Isso me foi negado. Não, não há por que temer-me. Sou eu que, de novo, te procuro, escrevo, nutro a esperança de que me responda com amizade e intimidade. Talvez sejas mais rico que eu, possuidor de mais esperanças, de um direito muito maior de alimentá-las e de planos e perspectivas com os quais nem sequer sonho — já não te conheço tão bem, e como poderia, após tantos anos de separação? Permite que eu volte a conhecer-te, obriga-te a escrever-me. Talvez eu ainda possa ver todos os meus irmãos felizes. Seja como for, gostaria de saber-te alegre e contente. Como anda Kaspar? Tens notícias? Que é feito de sua arte? Gostaria muito de saber dele também. Até logo, meu irmão. Quem sabe não nos falamos em breve. Teu, Klaus.

Passados oito dias, Simon entrou no escritório do proprietário da livraria num fim de tarde e fez-lhe o seguinte discurso: “O senhor me decepcionou. E não me faça esta cara de admiração, porque não muda nada: deixo hoje mesmo sua livraria, peço-lhe apenas que acerte minhas contas. Por favor, deixe-me terminar. Sei muitíssimo bem o que quero. Nesses oito dias, todo o comércio de livros transformou-se para mim num suplício, se ele nada mais é que ficar de pé o dia inteiro diante de uma escrivaninha, enquanto lá fora brilha o mais suave sol de inverno; entortar a coluna, porque a escrivaninha é demasiado baixa para minha estatura; e escrever feito um escriturário qualquer, cumprindo uma atividade que não se coaduna com minha inteligência. Acreditei que, trabalhando para o senhor, poderia vender livros, atender pessoas elegantes e fazer uma mesura ao me despedir dos fregueses quando estivessem prestes a deixar o estabelecimento. Pensei

também que teria oportunidade de lançar um olhar para a natureza misteriosa do comércio livreiro e vislumbrar o semblante do mundo nos traços e passos dessa atividade. Mas nada disso. Crê o senhor que estou necessitado a ponto de precisar curvar e sufocar minha juventude numa livraria inútil? E se engana também se pensa, por exemplo, que a coluna de um jovem só existe para ser vergada. Por que não me destinou uma boa escrivaninha, uma escrivaninha decente, apropriada a minha pessoa, fosse para trabalhar sentado ou de pé? Não existem escrivaninhas magníficas em estilo americano? Quando se quer ter um empregado, penso eu, é necessário que se saiba também acomodá-lo. Isso, ao que parece, o senhor não soube. Deus é testemunha do quanto se exige de um jovem iniciante: aplicação, lealdade, pontualidade, tato, sobriedade, modéstia, ponderação, consciência do que quer e sabe-se lá o que mais. Mas a quem jamais ocorreria exigir certas virtudes também de um senhor proprietário? Então vou desperdiçar minhas forças, minha vontade de trabalhar, minha alegria comigo mesmo e o maravilhoso talento de ser capaz disso tudo numa velha, mirrada e apertada escrivaninha de livraria? Não, antes de o fazer, por certo pensaria em virar soldado e vender toda a minha liberdade logo de uma vez, apenas para não mais possuí-la. Não gosto, meu caro senhor, de possuir coisas pela metade; nesse caso, prefiro pertencer à classe dos despossuídos, porque aí ainda serei possuidor ao menos da minha alma. O senhor há de pensar que não é muito próprio falar com esta veemência e que este tampouco é o lugar adequado para um discurso. Pois bem, eu me calo. Pague-me o que me cabe, e o senhor nunca mais vai me ver”.

O velho livreiro ficou perplexo ao ouvir aquele rapaz jovem, quieto e tímido, que trabalhara tão corretamente por oito dias, falar agora daquela maneira. Da sala contígua, cerca de cinco cabeças aglomeradas de funcionários e auxiliares de escri-

tório observavam e ouviam a cena com atenção. O velho então falou: “Se esperasse coisa semelhante do senhor, sr. Simon, teria hesitado em empregá-lo em meu estabelecimento. Seu humor me parece oscilar de um jeito estranhíssimo. Só porque uma escrivaninha não lhe serve, logo todo o resto também não lhe serve. De que parte do mundo o senhor veio? Os jovens lá são todos assim? Veja como o senhor se comporta diante de uma pessoa mais velha. É provável que nem saiba de fato o que quer nessa sua cabeça imatura. Pois não vou impedi-lo de ir embora daqui. Eis o seu dinheiro, mas, dizendo-o francamente, não foi propriamente um prazer”. O livreiro pagou o que lhe devia, e Simon enfiou o dinheiro no bolso.

Ao chegar em casa, viu a carta do irmão sobre a mesa, leu-a e pensou: “É um bom homem, mas não vou lhe escrever. Não sei descrever minha situação, nem é ela digna de relato. Não tenho motivos para me queixar e tampouco para dar pulos de alegria; para me calar, razões não faltam. É verdade o que ele diz e, por isso mesmo, dou-me por satisfeito com essa verdade. Que seja infeliz, isso é coisa que ele tem de resolver consigo mesmo, mas não acredito que seja tão infeliz assim. São as cartas que causam essa impressão. Ao escrever, as pessoas simplesmente se deixam levar a manifestações incautas. Nas cartas, a alma quer sempre tomar a palavra e, em geral, faz má figura. Por isso, prefiro não escrever”. Com isso, deu por encerrado o assunto. Simon estava repleto de pensamentos, belos pensamentos. Quando pensava, involuntariamente lhe vinham pensamentos belos. Na manhã seguinte, de um sol claro e ofuscante, apresentou-se na agência de empregos. Sentado lá dentro, um homem que escrevia se levantou. Conhecia Simon muito bem e costumava falar com ele com uma espécie de intimidade zombeteira e simpática. “Ah, sr. Simon! Aí está o senhor de novo! Que assunto o traz agora?”

“Estou à procura de emprego.”

“O senhor já veio muitas vezes aqui em busca de emprego. A gente fica tentado a dizer que o senhor procura empregos com incrível rapidez.” O homem riu-se, mas baixinho, porque dar uma risada grosseira não era do seu feitio. “Qual foi seu último emprego, se é lícito perguntar?”

Simon respondeu: “Trabalhei como enfermeiro, e o que se revelou foi que posso todas as qualidades para tratar enfermos. Por que o senhor se espanta tanto com essa revelação? É tão raro assim que um homem da minha idade exerça tantos ofícios diferentes, que busque se mostrar útil às pessoas mais diversas? Eu acho isso bonito em mim, porque fazê-lo demanda certa coragem. Isso não fere meu orgulho de maneira nenhuma; pelo contrário, imagino-me capaz de cumprir toda sorte de tarefas nesta vida e de não tremer ante dificuldades que intimidam a maioria das pessoas. Sou de utilidade para os outros, e essa certeza é suficiente para satisfazer meu orgulho. Quero ser útil”.

“E por que, então, o senhor não seguiu exercendo o ofício de enfermeiro?”, o homem perguntou.

“Não tenho tempo para permanecer num único e mesmo ofício”, respondeu Simon, “e jamais me ocorreria pretender sossegar num único tipo de ofício como se numa cama de molas, como fazem tantos. Não, isso eu não consigo, nem que eu viva mil anos. Prefiro virar soldado.”

“Tome cuidado para que isso não venha a lhe acontecer de fato.”

“Existem outras possibilidades também. Virar soldado é só um modo de dizer, ao qual me acostumei para dar fecho a meu discurso. Um jovem como eu dispõe de possibilidades infinidas. No verão, posso ir ao campo para ajudar um camponês a abrigar a tempo sua colheita. Ele vai me dar as boas-vindas e apreciará minha ajuda. Vai me dar o que comer, boa comida, porque no campo as pessoas cozinham bem, e, quando eu partir, me dará

também algum dinheiro vivo, e sua jovem filha, uma moça novinha, bela como uma pintura, se despedirá de mim com um sorriso, de um jeito do qual vou me lembrar por muito tempo durante minhas andanças. Que mal faz andar por aí, mesmo quando chove ou neva, se a gente tem membros saudáveis e nenhuma outra preocupação? O senhor, premido por essa sua estreiteza, não é capaz de imaginar como é delicioso caminhar pelas estradinhas rurais. Se são poeirentas, é porque assim são elas, quem se importa com isso? A gente caminha e, depois, procura um lugarzinho mais fresco para se deitar à beira de um bosque, de onde se desfruta da vista mais magnífica, onde os sentidos reposam de uma maneira natural e os pensamentos podem pensar à vontade e a gosto. O senhor vai argumentar que outras pessoas podem fazer o mesmo — o senhor, por exemplo — durante as férias. Mas férias, o que são elas? Eu só posso rir de uma coisa dessas. Não quero ter nada a ver com férias. Odeio férias! Só não me arrume emprego que tenha férias. Isso não me atrai nem um pouco; eu seria capaz de morrer se me dessem férias. Quero lutar com a vida até cair, se for o caso; não quero gozar nem de liberdade nem de conforto, odeio a liberdade, se ela me é dada como um osso lançado a um cachorro. Isso é o que são suas férias. Se o senhor pensa que está diante de alguém desejoso de férias, está enganado. Mas, infelizmente, tenho todas as razões para supor que é o que o senhor pensa de mim.”

“Tenho aqui um posto temporário, de mais ou menos um mês, como auxiliar de advogado. Serve para o senhor?”

“Com certeza, cavalheiro.”

E lá estava Simon, no escritório de advocacia. Ganhava bom dinheiro e estava bem feliz. O mundo jamais lhe parecera tão bonito quanto durante esse período em que esteve ali. Fez contatos agradáveis, escrevia com facilidade e sem esforço o dia todo, conferia contas, tomava ditados, o que sabia fazer com destreza

extraordinária, comportava-se de forma encantadora, até para seu próprio espanto — e de tal forma que seu chefe cuidava muito bem dele —, bebia toda tarde sua xícara de chá e, enquanto escrevia, sonhava janela afora, à sua janela arejada e clara. Sonhar sem negligenciar os próprios deveres era coisa que ele sabia fazer maravilhosamente. “Ganho tanto dinheiro”, pensava, “que poderia ter uma jovem mulher.” Enquanto trabalhava, muitas vezes a lua aparecia à janela, o que o encantava sobremaneira.

A sua amiguinha Rosa, Simon disse o seguinte: “Meu advogado tem um nariz grande e vermelho e é um tirano, mas me dou muito bem com ele. Entendo como humor sua natureza rabisqueta e autoritária, e admira-me quão bem eu me submeto a todos os seus mandamentos, muitos deles injustos. Adoro quando as coisas se complicam um pouco, isso me convém, porque me alça a certas alturas cálidas e estimula-me ao trabalho. Ele tem uma esposa bela e esbelta, que, fosse eu pintor, gostaria de retratar. Ela possui, creia-me, olhos maravilhosamente grandes e braços magníficos. Com frequência, tem coisas a fazer no escritório; como deve me desprezar, a mim, um pobre-diabo de um escriturário. Eu tremo à visão de mulheres assim e, no entanto, fico feliz. Você ri? Com você, infelizmente estou acostumado a me abrir sem reservas, e espero que goste disso em mim”.

Na verdade, Rosa adorava quando se abriam com ela. Era uma moça singular. Seus olhos exibiam um brilho magnífico, e os lábios eram verdadeiramente belos.

Simon prosseguiu: “Às oito horas da manhã, quando vou para o trabalho, sinto-me em perfeita harmonia com todos aqueles que, como eu, têm de se apresentar às oito no trabalho. Que caserna imensa é esta vida moderna! E, no entanto, como é bela e rica em ideias precisamente essa uniformidade. Ansiamos o tempo todo por algo que venha a nosso encontro, algo com que haveremos de deparar. Cada um dispõe de tamanho nada, é em

tal medida um pobre-diabo, sente-se tão perdido em meio a tanta cultura, ordem e exatidão! Subo os quatro lanços de escada, entro no escritório, dou bom-dia e começo a trabalhar. Deus do céu, como é pouco o que preciso fazer, como é pequeno o conhecimento que exigem de mim! Como as pessoas parecem não imaginar que eu teria capacidade para muito mais! No momento, porém, me agrada essa encantadora desprestensão por parte daquele que me emprega. Assim, posso pensar enquanto trabalho, tenho todas as possibilidades de me tornar um pensador. Penso muito em você!”.

Rosa riu: “Você é um patife! Mas continue. Me interessa o que está dizendo”.

“Na verdade, o mundo é magnífico”, Simon continuou. “Posso me sentar com você e ninguém me impede de passar horas conversando. Sei que você gosta de me ouvir. Não acha desprovido de graça o que falo, e, por dentro, só posso rir muito por ter dito isso. Mas é que digo tudo que me vai pela cabeça no momento, faço até, por exemplo, um elogio a mim mesmo. Com a mesma facilidade, posso também me recriminar, e chego mesmo a me alegrar quando tenho oportunidade de fazê-lo. E por que não haveríamos de poder dizer tudo? Quanta coisa se perde quando submetemos a demorado exame o que vamos dizer. Não gosto de refletir muito antes de falar: seja apropriado ou não o que vou dizer, é necessário dizê-lo. Se sou vaidoso, então que fique clara minha vaidade; se fosse avarento, minhas palavras expressariam essa avareza; se sou uma pessoa decente, minha decência vai sem dúvida ressoar de minha boca; e, se Deus me tivesse feito um homem valoroso, meu valor se manifestaria em tudo que dissesse. Nesse aspecto, nada me preocupa, porque um pouco me conheço e conheço também a nós dois, e porque tenho vergonha de demonstrar receio numa conversa. Se, por exemplo, ofendo, machuco, incomodo ou irrito alguém com

minhas palavras, não posso reparar o que disse nas duas ou três palavras seguintes? Só penso sobre o que estou dizendo quando noto rugas de desagrado no rosto do meu interlocutor, como agora, por exemplo, no seu rosto, Rosa.”

“Isso é outra coisa...”

“Você está cansada?”

“Vá para casa, está bem, Simon? Agora estou cansada, sim. Você é bonito quando fala. Gosto muito de você.”

Rosa estendeu sua mãozinha ao jovem amigo, que a beijou, disse boa-noite e foi-se embora. Tendo ele partido, a pequena Rosa pôs-se a chorar sozinha e em silêncio por um longo tempo. Chorava por seu amado, um rapaz de cabelos cacheados, passo elegante, boca de nobre talhe, mas de vida dissoluta. “Amamos justamente aqueles que não nos merecem”, disse a si própria. “Mas é o mérito que queremos avaliar quando amamos? Que ridículo! Que me importa o mérito, se o que quero é a pessoa que amo?” Depois, foi se deitar.